



N.º 88 — LISBOA, 15 DE SETEMBRO

2.º ANO 1914

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. || Brazil, anno 52 numeros..... 23500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 6500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobranca pelo correio..... 2100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros... 12800 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOZIÇÃO
Minerva Peninsular
83, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua de Almada, 32 e 34

A' despedida,
ou zelos mal comprimidos



—Minha Eufemia! Ao menos, jura-me que viajarás sempre em compartimento de senhoras sós...

Civilização e barbarie

Por muito sympathicos que os japonezes se possam ter tornado, graças á revelação da sua força guerreira, da sua organização militar e dos seus progressos em geral, nem por isso é menos certo que elles se batem ainda com uma bravura que depõe contra o seu estado de adiantamento.

Um telegramma de Paris dá por exemplo a seguinte noticia da batalha de Liao Yang :

«Uma testemunha da batalha de Liao-Yang narra que o ultimo assalto dos japonezes transformou-se a breve trecho n'uma horrivel carnificina. Os assaltantes precipitaram-se doidamente sobre os entrancheiramentos do inimigo, caindo ás centenas nos fossos que os precediam. As excavações encheram-se rapidamente de cadaveres e os japonezes, saltando sobre os corpos inanimados dos seus camaradas, e tomados de um entusiasmo febril, continuaram o assalto á bayoneta, atirando-se como fêras sobre as redes de fio de ferro que protegiam a infantaria russa.

Um correspondente affirma que no assalto final, a infantaria japoneza ia acompanhada por fortes escoltas, para se evitar assim que os soldados, que costumam lançar-se contra o inimigo com um impeto extraordinario, se deixassem matar inutilmente».

O homem—isto é sabido—é tanto menos bravo quanto é mais civilisado. A bravura é feita de ferocidade, a ferocidade de instincto e o homem civilisado é o que está mais distanciado do instincto pela cultura da razão.

A bravura do homem civilisado chama-se stoicismo. Elle é muitas vezes heroico, mas o seu heroismo não tem o character sanguinario e homicida. E', ao contrario, feito de caridade, de bondade, de resignação, de perdão. Morrer, matar são coisas selvagens. O que é heroico é viver.

O heroismo dos japonezes é o que menos fala em favor da sua civilização. O Japão allegará talvez que os seus bravos soldados se batem pela sua patria. O Japão abusa como todos os Estados empenhados em luctas sanguinarias, de uma palavra cheia de sonoridade, mas muitas vezes vazia de sentido. O soldado que mata, mata. Não faz mais nada. Pensar que os homicidios que elle vae

praticando lhe são inspirados por um pensamento superior de Direito ou de Justiça, é tentar a reabilitação inutil de actos que só não são condemnavéis porque os costumes ainda não os reprovaram.

Os soldados de Valmy e de Jemmapes matavam por matar. Saragoga não se defendia: matava. Os boers da Africa Austral matavam. No momento do combate, um unico pensamento anima o soldado: matar. O soldado não é um patriota: é um homicida.

A bravura dos soldados japonezes não é, porém, a bravura dos soldados que nós estavamos habituados a admirar... e a applaudir. E' peior. Tanto desprezo pela vida propria e tanto pela vida alheia excede a bravura do soldado. E' barbarie. Os japonezes que se batem na Mandchuria, com uniformes de modelos europeus e espingardas de repetição, só na apparencia são soldados sociaes. No fundo, são guerreiros selvagens, a quem o sangue embriaga até ao delirio homicida. Instruam, vistam, armem de igual modo algumas tribus de indios *sioux* e elles, como os japonezes, serão soldados bravos e invenciveis.

No soldado russo, um seculo pelo menos de vida social amolleceu as ardencias do instincto sanguinario. O soldado russo bate-se talvez com valentia, mas sem ferocidade. Os japonezes são ferozes. Os seus escasos quarenta annos de civilização não foram sufficientes para fazer dos seus soldados homens sociaes.

Os assaltos ás fortificações de Porto Arthur, que os japonezes tem pretendido tomar de escalada, formando pyramides humanas, como na Idade-media, até ao ponto de que, como na Idade media, os russos, por sua vez, se tem defendido arrojando sobre elles, do alto das suas muralhas, enormes blocos de pedras, não nos mostram na realidade os soldados regulares de um Estado moderno, fazendo a guerra sempre cruel, mas fazendo-a já sem um ardor antigo. Mostra-nos *pelles-vermelhas* excitados pela presença do inimigo, enlouquecidos pela idéa do exterminio, bebidos de sangue e rugindo como fêras asanhadas. A sua intrepidez, a sua temeridade, a sua loucura não proclamam senão a sua selvageria.

Eis tambem porque a guerra para que o Japão tão tenazmente se preparou e que com tanto exito está emprenhendendo, é porventura a mais sangrenta dos nossos tempos. Desde que o mundo existe, é a primeira vez que um estado semi-barbaro entra em lucta com a civilização, armado com as suas armas. Elle tem, como a civilização, os mesmos instrumentos de guerra, e tem mais do que ella o ardor guerreiro, que ella já não tem.

As derrotas da Russia não são, na realidade, o resultado da inferioridade das suas armas de guerra, mas o resultado da inferioridade do seu genio bellico. A Russia não é já uma nação guerreira, como não o é nenhuma nação da Europa, a qual, se está em pé de guerra, tem horror á guerra. Os seus soldados bater-se-hiam talvez com vantagem contra os soldados de raças já longamente adaptadas ás condições sociaes da civilização. A Russia, como a Turquia, é o Estado mais barbaro da Europa. Os seus soldados tem o dever de ser bravos, como os soldados turcos o tem mostrado ser. Mas o Japão é mais barbaro ainda. A sua monarchia constitucional, os seus parlamentos, não são senão formulas juridicas. Sob os japonezes organizados á inglaterra em sociedade liberal, estão ainda os guerreiros nipponos, sanguinarios e fanaticos. Lancem-n'os na guerra. Senão invenciveis. A Russia não lhes resiste, mas não são as suas armas que a derrotam. E' a sua alma barbara, á qual a Russia não pôde oppôr uma alma igual.

Dá a victoria aos japonezes o direito de entrarem de chofre, como parece que estão entrando, na nossa sympathia?

A nosso vêr é cêdo para adoptar-mos o Japão.

Por ora, o Japão não é uma civilização a mais. E' apenas um exercito a mais, quer dizer, uma nova ameaça, um novo perigo, verde, amarelo, azul — que importa?

O perigo dos povos armados não tem côr, ou antes, tem uma côr só, negra sempre.

JOÃO RIMANSO.



A sombra occupa espaço?

A imprensa não recia diante de problema algum. e eis aqui o *Herald* de New-York que pergunta aos seus leitores: — A sombra occupa espaço?

Nós cremos que sim.

Diz-se frequentemente — «Fulano faz sombra a Fulano» o que significa que Fulano occupa um espaço que deveria ser occupado por Fulano.

Fazer sombra é occupar espaço. Assim por exemplo, o sr. João Franco, que faz sombra ao sr. Hintze Ribeiro, occupa espaço.

Occupa espaço no paiz.

Occupa espaço nos principios.

Occupa espaço nos partidos.

Finalmente occupa espaço nas columnas do *Diario Illustrado*.

Ha um unico logar em que o sr. João Franco, — esta sombra — não occupa espaço: é no poder.

Uma carreira brilhante

Lê-se no *Popular*:

«Uma senhora, filha de um fallecido capitão de mar e guerra, que se encontra em precarias circumstancias, e sem meios para pagar o quarto que habita, pede uma esmola.»

Pois senhores! É uma brilhante carreira, a carreira da marinha!

Uma verdade

Quando o illustre D. Pequito
Entrou para o ministerio,
Todo o esperto e homem sério
De prazer soltou um grito:
—Se este não vem, expedito,
Tirar-nos o pé do lodo;
Se não traz ventura a rodo
Ao paiz empandirado,
Dá-nos o certificado
De não ser pecco de todo.

Peixe Inglez

A introdução do peixe inglez no nosso mercado está dando logar aos mais curiosos incidentes domesticos.

Começa no mercado. O peixe cheira não a peixe, mas a borracha. É o habito da galocha.

Chega a casa, abre-se-lhe o buxo e encontra-se-lhe dentro—o Bedaecker. É o habito das viagens.

O nosso peixe, como se sabe, é catholico. O peixe inglez é protestante. Vem para a meza e... nunca está catholico!

Por outro lado que suprezas á meza! Um d'estes dias, n'um domicilio, das nossas relações ao metter a faca n'um formoso pargo assado, uma menina encontrou uma alliança.

O que havia de ser?

A alliança ingleza!

Depois que o peixe inglez foi introduzido no nosso mercado, as relações do Portugal com a Inglaterra naturalmente estreitaram-se.

Até aqui não eram peixe nem carne.

Agora são—peixe.

Que massada!

O *Seculo* noticia que um dos seus amigos partiu para Villar de Maçada, afim de descansar.

Deve ser uma boa—massada!

Excursões e dramas

A grande febre d'este momento, no Porto—é a Excursão.

Quasi todos os domingos, partem de Campanhã comboios cheios de excursionistas, que umas vezes vão um pedaço á Galliza, outras vezes um bocado á provincia, ver terras e beber

...le vin blanc de la fraternité.

Ultimamente, tocou a vez ás costureiras, que se dirigiram a Braga, onde as suas companheiras as acolheram com enthusiasmo trocando-se discursos.

Esses discursos, acabamos de os lêr.

«A mulher de hoje.—disse uma costureira de Braga—não é a mulher d'hontem. Se hontem era escrava, hoje não o é. Hoje é livre, para poder bradar bem alto á sociedade—Quero a justa recompensa do immenso trabalho que me opprime!»

«Não desanimeis—disse outra. Não desanimeis, nem temaes coisa alguma. Unamos-nos porque a união faz a força. Luctemos e luctemos com honra, para que sobre a campã dos vencidos, possa um dia gravar-se esta inscripção: «Antes morrer honrados, do que viver como traidores!»

Em Portugal é tudo assim, desproporcionado e dispartado. Um grupo de raparigas propõe-se dar um passeio ao campo, e, afinal, o que resulta?—Um drama do Principe Real.

A ruina do poder e a ruina do paiz

Levantou-se na imprensa a questão de se augmentar os ordenados dos ministros e um jornal republicano, advogando esta causa, calcula em trezentos mil réis mensaes o deficit de um ministro da cordã em Portugal.

A ser assim, uma pasta é a ruina.

Mas como se explica que os ministros se arruinem e o paiz cada vez esteja mais pobre?

Echos das manobras

«Seja como fôr—escrevem as *Novidades* referindo-se ao calçado da infantaria—é indispensavel que esta questão tenha uma solução prompta. Não pôde haver boa infantaria sem liberdade e sem commodidade dos pés dos infantes».

Consta que sua alteza o sr. infante D. Affonso, ao lêr esta observação das *Novidades*, não esteve com meias medidas—Descalçou-se.

GUITARRA DA PARODIA

MOTE

Teus olhos são como o dia
Que entre galas amanhece,
Se os abres o sol rebrilha,
Quando os fechas anoitece.

GLOSA

Só de ver-te descuidada,
Como a lêda mariposa,
Minna vida angustiosa
E' feliz, idolatrada.
Só tu és a minha amada,
Dás-me amor, dás-me alegria;
E's a luz que me irradia,
E's o meu astro divino,
Do teu rosto perigrino
Teus olhos são como o dia.

E digo ao meu pensamento:
Se ditoso eu sou com ver-te,
Porque não hei de mer'cer-te
Em allivio ao sofrimento?
Acabe-se o desalento
D'este affecto que me aquece,
Amor que tanto engrandece
A candura d'uma estrella,
Amor por ti, minha bella,
Que entre galas amanhece.

Tua voz fresca e sonora,
Que não encontra outra igual,
E' um canto, um madrigal,
E' um pedaço d'aurora
E', quando ella me enamorz,
A mais terna maravilha,
Uma graça que dedilha
E no meu estro floresce,
Se os fechas a noite desce,
Se os abres o sol rebrilha.

E vivo fitando os ceus,
Sem nada vêr a brilhar
Que se possa comparar
A um só olhar dos teus:
O sol, que é filho de Deus,
De os fitar empallidece,
Ao vel-os logo padece
De encarar tanto fulgor;
E por teu condão, amor,
Quando os fechas anoitece.



RAVIX.

Herculano

27.º anniversario da morte de Alexandre Herculano.

Um jornal escreve:

«Herculano alumiu um seculo». Justa referencia a um homem, que, depois de ter feito historia, fez azeite.

Poder absoluto

Do *Illustrado*—presado confrade:

«No dia seguinte ao dar á luz a Imperatriz de todas as Russias, seu Augusto esposo e Soberano publicou um decreto nomeando-a «coronela» do regimento de dragões n.º 15».

E nós que imaginavamos que tinha nascido um rapaz!

Afinal nasceu uma rapariga: a Imperatriz de Todas as Russias e quem a deu á luz foi o czar.

E' o poder absoluto.

EXPORTAÇÃO DE VINHOS PORTUGUEZES PARA O BRAZIL



Desembarcaram com "muchíssimo salero,,"

PROCISSÃO PROHIBIDA



Os anjinhos "escamados,,

A Hespanha no caminho**das reformas**

A Hespanha entrou definitivamente no caminho das reformas e, para principiar, o que determinou ella? — Determinou o descanso ao domingo, com ferocidade, por lei e com uma policia de fiscalisação.

Parece que em Hespanha se trabalhava de mais. Os governos alarmaram-se de vêr que aos domingos se enchiam á cunha as praças de touros e em Madrid os cafés da Puerta del Sol, e decretaram o descanso obrigatorio, com penalidades para os infractores e sem excepção para qualquer profissão.

A Hespanha era o paiz do favoritismo. Pelo decreto impoñdo o descanso dominical, acabou-se com esse phenomeno de corrupção administrativa e social. Nem mesmo mettendo empenhos se pôde hoje em Hespanha trabalhar ao domingo. Segundo o decreto entende-se por domingo o espaço de tempo que decorre da meia noite de sabbado á meia noite de domingo.

A meia-noite do referido dia, todo o trabalho acaba, mesmo o que estiver começado e fôr urgente—para todas as profissões. O barbeiro que estiver a fazer a barba ao seu cliente e que lhe houver deitado abaixo metade do bigode, ao bater da meia noite põe de lado a navalha. Se não o fizer, a policia de fiscalisação o metterá na ordem. O engraxador que tiver engraxado uma bota, deixará a outra por engraxar. A ama de leite, ao bater da meia noite, tirará da bocca do seu menino o peito em que elle estiver mamando. O menino gritará, esperneará, barafustará. Em vão. O decreto é explicito—descanso obrigatorio para todas as profissões.

Quer dizer, no momento em que nós imaginavamos que a Hespanha começava a trabalhar, a Hespanha descansa.

Ao dar os seus primeiros novos passos no sentido do progresso, para onde se dirige a Hespanha?

Para a cama.

**Loiça de Saxe**

Dizem de Dresde que o rei Jorge de Saxe se encontra gravemente doente.

A princesa Luiza de Saxe, por sua vez, tambem não está melhor.

E' o fim de Saxe. Não fica uma princesa e não fica um prato em termos.

Tudo rachado.

O sr. bispo-conde, a guerra**e os bifes muito passados**

O sr. bispo-conde de Coimbra, fallando aos soldados, por occasião das manobras do Bussaco, exprimiu-se assim:

Soldados! Os progressos da nossa civilisação e os sentimentos humanitarios do caracter portuguez, como seu mais glorioso apanagio, não são já para essas guerras sanguinolentas e carnificinas quasi selvagens, que continuam ao longe a envergonhar a humanidade e a desmentir os aperfeiçoamentos sociaes de que se vangloriam os nossos dias.

Dir-se-hia que o sr. bispo-conde de Coimbra se esqueceu de que estava fallando a soldados e imaginou dirigir-se a uma assembleia de philosophos humanitaristas.

Dir-se-hia que o sr. bispo-conde confundiu um pouco as manobras do Bussaco com a Liga da Paz e o sr. general Lencastre e Menezes com Frederico Passy.

Afinal tudo se explica e nós comprehendemos admiravelmente.

O sr. bispo-conde não quer as guerras sanguinolentas. Sua ex.^a não quer as guerras, como talvez não quer os bifes — em sangue.

Assim, sem desviar os soldados da sua missão guerreira e, ao contrario, aconselhando-os a que prosigam na senda do heroismo militar, o que o sr. bispo-conde lhes pede é que concillem as necessidades da guerra com as prescripções de um bom regimen dietetico.

As guerras, como os bifes — muito passados... e na grelha.

**Entre pelintras**

Vamos nós a falar sem geito torto.
Debaixo d'este azul céu que nos cobre:
Tu não tens onde caías, quando morto,
Eu já quebrei tres vezes, e estou pobre.

Dize-me em que partido se descobre
Para a barca da vida melhor porto?
No do Hintze, que a tantos dá conforto,
Ou no da penca audaz que o sol encobre?

—São ambos do mesmissimo pagode,
Ambos da mesma peça e mesmo panno;
E cada um d'elles dá... lá quando pôde.

Sê de qualquer — e não republicano;
Tal partido quer vêr se nos acóde...
Porém é carne que não tem tutano!

**Como sardinhas...**

Telegrapham da Trafaria — ó Progresso! — que a colonia balnear inaugurou o seu club n'uma dependencia de uma fabrica de conservas.

Vão estar como sardinhas.

Globe-trotters

Portugal está inçado de *globe-trotters*.

A Leiria chegou o *globe-trotter* Henry Mayer, que, sem dinheiro e a pé—informam os jornaes—se propoz dar a volta ao mundo. Monsieur Mayer — como os jornaes tambem lhe chamam — percorreu parte das nossas provincias do norte, tendo estado no Porto, em Braga, no Bussaco, etc.

Tudo isto sem dinheiro.

Outro monsieur — Monsieur Charles Millet, que tambem se propoz dar a volta ao mundo, a pé e sem dinheiro, esteve ultimamente em Cintra, e prepara-se para ir até ao Porto.

O mais curioso é que estes *globe-trotters*, em vez de darem a volta ao mundo, dão a volta a nós.

Em chegando a Portugal, esquecem-se completamente do mundo e cá ficam.

Um d'estes *globe-trotters* queixa-se de que foi assaltado na Calabria. Já é abusar da ingenuidade do publico amator de *globe-trotters*! Na Calabria já não ha salteadores. Foram todos aposentados pelo governo italiano.

**Pharmacia Lisbonense**

Pôde lêr-se em um dos numeros do *Seculo* da semana passada, o seguinte telegramma:

Caldas da Rainha, 7-t. — Pelas 6 horas da tarde chegou em automovel a esta villa o senhor infante D. Afonso. Esteve junto da pharmacia Lisbonense, onde comprou um ingrediente qualquer, seguindo para Lisboa.

Dizer que este telegramma não causara surpresa seria referir sem exactidão os acontecimentos.

O telegramma causou surpresa, andou de mão em mão, foi largamente commentado.

Porquê?

Parece-nos simples.

Não está na tradição e não está nos costumes ver entrar pessoas da familia real nas pharmacias.

Ha logares vedados a certas soberanias. A botica é um d'elles.

Depois, inquiriu-se naturalmente o que poudo o sr. infante precisar da botica e foi então um mar de conjecturas.

Afinal, tudo se explicou.

Sua alteza entrou na botica a comprar uma capsula de anti-pyrina—para o seu automovel.

Dos dois, era o que estava com dores de cabeça.

Se a historia no que diz nós fala certo,
O bemaventurado santo Eloy
Um muito habilidoso ourives foi
Que fez a c'roa ao rei D. Dagoberto.

Consta que trabalhou com muito acerto,
Consequendo ganhar nome de heróe,
Cujas fama, de certo, não destróe
O tempo que ha prodígios descoberto.

Note-se:—se elle na arte poude tanto,
Não é para causar admiracão,
Visto que tinha o dom de ser um santo.

Mas, sendo um peccador, como outros são,
Nas joias que apresenta para encanto
Tambem milagres faz o *Mergulhão*.

Ourivesaria e relojoaria Mergulhão
162, R. de S. Paulo, 162-B

PINTOR E RETRATISTA A CRAYON

ALFREDO TAVEIRA

com o curso completo de desenho da
ACADEMIA REAL DE BELLAS ARTES DE LISBOA

42, R. da Barroca, 44

PREÇOS MODICISSIMOS

Retratos a crayon em todos os tamanhos
e diversos preços, garantindo-se a seme-
lhança e o bom acabamento.

PINTURAS DE TABOLETAS

E TRABALHOS EM VIDRO

CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia

José Nunes dos Santos

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephónico 220—Endereço telegraphico Papeltypog

PAPELARIA

Grande sortimento de pa-
peis nacionaes e estrangeiros,
objectos para desenho
e todos os artigos precisos
nas escolas.

TYPOGRAPHIA

Trabalhos typographicos
em todos os generos.
Impressões a côres, ou-
ro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141

Officina typographica: R. das Gaveas, 69
LISBOA

**Companhia Real dos Caminhos
de Ferro Portuguezes**

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de setembro de
1904 será posta em vigor a
nova tarifa especial interna
n.º 9 de grande velocidade
—Bilhetes collectivos para
grupos de 12 ou m. mais pas-
sageiros de 3.ª classe, em
todas as linhas d'esta Com-
panhia com excepção do
Ramal de Cascaes.

Nas estacões d'esta com-
panhia póde o publico con-
sultar e obter por compra
a referid. tarifa

Lisboa, 19 de agosto de
1904.

Pelo director geral da Companhia, o engenheiro sub-
director—Augusto Luciano de Carvalho.

**SERVICO DOS ARMA-
ZENS**—Fornecimento de
madeiras diversas.

No dia 26 de setembro,
pela 1 hora da tarde, na es-
tacão central de Lisboa (Ro-
cio), perante a commissão
executiva d'esta Com-
panhia, serão abertas as pro-
postas recebidas para o for-
necimento de madeiras di-
versas.

As condições estão pa-
rentes em Lisboa, na repa-
rtição central dos armazens
(edificio da estacão de Santa
Apolonia) todos os dias
uteis, das 10 horas da ma-
nhã ás 4 da tarde.

Lisboa, 16 de agosto de
1904.



Ourivesaria e Relojoaria
com officinas annexas
de fabrico e
reparacões

FLORINDO

JOIAS
COM
BIBLIOTECAS

PREÇOS
Limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

COLLEÇÃO HORAS DE LEITURA

Publicação mensal em volumes formato 8.º (alguns illustrados)

de romances dos melhores auctores, a 200 réis o volume

Publicação economica, interessante e esmerada

OBRAS PUBLICADAS

- IVANHOÉ, celebre romance de Walter Scott, 4 volumes illustrados.
- O FRADE NEGRO, romance de Clemence Robert, 1 volume.
- AS SEMI-VIRGENS, romance de Marcel Prévost, 2 volumes illustrados (esgotado).
- WERTHER, romance de Goethe, 1 volume illustrado.
- MADAME FLIRT, romance de Jacques Yvel, extrahido da peça com o mesmo titulo.
- A TABERNA (L'Assomoir), celebre romance de Emile Zola, 3 volumes.
- O VIGARIO DE WAKEFIELD, de Goldsmith, 1 volume.
- A VIDA AOS VINTE ANNOS, de Alexandre Dumas (filho).
- AGUA PROFUNDA, de Paul Bourget.
- O DOMINO AMARELLO, de M. r. el Prévost.
- CORTEZA, romance, por A. Belot.
- O ROSQUEDO, romance de costumes do Miho, por Delphin Guimaraes.

A sair em Outubro:
OS VAGABUNDOS, de M. Gorki.
Em publicação:
O PARAIZO DAS DAMAS, de Zola.

**LIVRARIA EDITORA
GUIMARAES & C.º**
108, Rua de S. Roque, 108
LISBOA



Taboletas
Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio Galano
Luzitana, 13

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

BANHOS

DAS afamadadas aguas do Poço do Borratem, conheci-
das desde 1552 com grande exito nas molestias
de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas
de 10 banhos simples ou duchos com 20% de desconto
de vapor com 10%. Abre este antigo estabelecimento
e 5 horas da manhã e fecha ás 6 da tarde.

4, Poço de Borratem, 1.º



SAIAO MOZART
MONIZ JONSEA
PIANOS
ORGÃOS

Instrumentos musicos
RUA IVENS 5254
LISBOA



RESTAURANT PARIS
JOSÉ FERNANDES

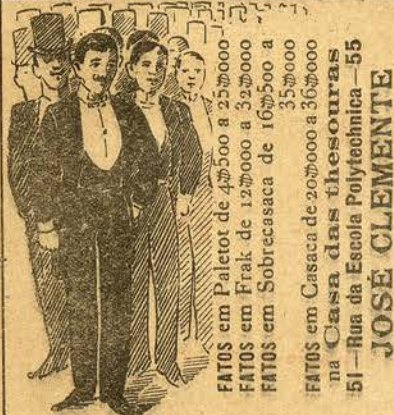
**SERVEN-SE: Jantares de mesa
redonda a 600 réis**
Servico de lista a toda a hora
Pratos especiais para ceias
Gabinetes de 1.ª ordem
65, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67
2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4— LISBOA

Callista pedicuro

JERONIMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SERPA PINTO, 48, 1.ª

(Frente para o Chiado)
EXTRACÇÃO de callos e
Exsiccamento de unhas
pelos mais modernos procedi-
mentos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que vi-
sitar este consulto to para se
certificar dos verdadeiros mi-
lagres que alli se operam.
Das 9 ás 5 da tarde



FATOS em Paletot de 40000 a 250000
FATOS em Frak de 120000 a 320000
FATOS em Sobrecasaca de 160000 a 350000
FATOS em Casaca de 200000 a 360000

na **Casa das thesours**
51—Rua da Escola Polytechnica—55

JOSE CLEMENTE

ORTHOPEDIA

**CASA ESPECIAL DE FUNDAS
e aparelhos orthopedicos**
DE MANUEL MARTINS
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS
DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,
ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
(ANTIGA Calçada do Caldas
Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

A proposito do vapor "Sceptre," no Tejo



Ah! pescada do sítio! Vivinha da Costa!

PEIXE INGLEZ